

A CASA POR DENTRO

No início dos anos 40, foi criada, em Coimbra, a Casa dos Estudantes de Moçambique, iniciativa de universitários oriundos da colónia; em meados de 43, iniciativa semelhante deu lugar, em Lisboa, à fundação da Casa dos Estudantes de Angola, seguindo-se a criação de Casas de outras colónias.

A Mocidade Portuguesa obtém o apoio do ministro das Colónias para proceder à fusão de todas as Casas numa única Casa dos Estudantes do Império (CEI).

A sua fundação data de 1944, criando forte expectativa tanto na metrópole como nas colónias, onde os jornais dão relevo à sua utilidade social e política. Tanto os estudantes como as suas famílias desejam assegurar o bem-estar dos sócios

e promover a sua integração num meio desconhecido e, por vezes, hostil. Entretanto, o regime projetara formar as futuras elites coloniais, com uma “mentalidade imperial”.

Porém, a realidade gerou uma dinâmica inesperada.

Os estudantes que afluem à CEI estabelecem entre si relações de amizade, de camaradagem e de cumplicidade. A participação em atividades sociais, culturais e recreativas da associação estimulou o conhecimento, a identidade cultural e a noção de pertença aos territórios de origem. A partir de 1957, uma estrutura interna mais funcional permitiu resultados mais eficazes no sentido de uma consciência coletiva.

Demarcando-se da cultura colonial dominante e numa troca permanente com movimentos literários das colónias, a atividade editorial da CEI projetou as novas literaturas africanas em língua portuguesa, enquanto a *Mensagem* publicava textos que denunciavam a violência do sistema colonial, o trabalho forçado, o contrato e a falta de investimento na educação dos africanos.